



Congresso Internacional de Filosofia: debate de idéias e cidadania

VIII Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia: Filosofia, formação docente e cidadania

De 14 a 16 de maio de 2008 - Caxias do Sul - RS

ARTE E FILOSOFIA NA ESCOLA: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS ATRAVÉS DA OBRA DE ARTE

Valmir da Silva

Acadêmico curso Pedagogia da UFSM/RS

silvadoril@mail.ufsm.br

Amarildo Luiz Trevisan

Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM/RS

amarildoluiz@terra.com.br

Resumo: Este trabalho pretende abordar alguns aspectos da obra de Arte a partir de um olhar filosófico na eminência de colaborar com o meio escolar e principalmente com os educadores no desenvolvimento de novas perspectivas pedagógicas voltadas para os significados da Arte na Educação da criança e do jovem. Possibilitando assim, o desenvolvimento da sensibilidade pelo gosto estético em detrimento da ética do aluno. Nesse sentido, a Pedagogia como arte de instruir e educar, poderá ser o veículo de mediação e sistematização do processo permanente educativo. Através da Arte a escola juntamente com o professor poderá construir e reconstruir no processo educacional uma expectativa formativa do cidadão auto-crítico, reflexivo e sadio, visto que, pela perspectiva crítica de Adorno, só a Arte poderá libertar o sujeito das amarras do sistema. Desse modo, acredita-se que o sujeito poderá tornar-se agente ativo na construção de novos conhecimentos formando sua própria identidade, frente ao mundo e as coisas que o rodeia. Utilizando-se das teorias e dos enfoques metodológicos de autores como Adorno, Barbosa, Peregrino e Porcher, busca-se reconstruir o poder educativo da arte enquanto produtora de cultura e saber, num olhar reflexivo formador da autenticidade, do entendimento filosófico e educacional. Nesse sentido, acreditamos na força inovadora da interpretação de conceito e valores éticos e estéticos, possibilitando uma ação pedagógica que vise à transformação social educativa dentro de uma perspectiva emancipatória.

Palavras chave: arte, educação e filosofia

A obra de Arte como Objeto de Estudos na Educação

Sobre a discussão do ensino de Arte nas escolas, podemos encontrar muitas controvérsias, mas há consenso em um ponto: somente a produção dos alunos na disciplina de Educação Artística não é suficiente para uma boa formação. Por essa razão, as discussões e avaliações devem incluir produções, interpretações e uma contextualização histórica da Arte

como significado cultural da humanidade. O trabalho pedagógico com a obra de Arte está ganhando cada vez mais espaço como conteúdo escolar, e nesta perspectiva a escola não deverá fazer uso somente das metodologias de leitura, mas ter pleno conhecimento da aplicação das teorias do desenvolvimento cognitivo na Educação para a compreensão das mesmas. Tendo claro o embasamento político pedagógico formativo dessas ações educativas.

A arte pode ser usada como um excelente mecanismo de comunicação. Ela depende como em outra forma de linguagem, do desenvolvimento de esquemas perceptivos que começam, por exemplo, com a familiarização. Isso só se torna possível com o contato direto e quase que permanente com a arte. Segundo Porcher, a maioria das crianças, principalmente as das classes menos favorecidas não tem acesso a exposições ou museus, pois, a própria cultura familiar, não lhes permitem esse acesso. Diante desse quadro lamentável, é dever da escola preencher esta lacuna, uma vez que considera-se ela berço da organização cultural e social. A escola além de provocar esta familiarização, deveria buscar outras estratégias para o desenvolvimento da apreensão estética, que nunca é imediata. Essa familiarização com a arte deve, na verdade, iniciar-se muito cedo, ainda na infância, como nos mostra o autor.

“É possível imaginar processos de formação acelerada em muitos domínios do conhecimento. No que desrespeito a formação da sensibilidade é à disponibilidade emocional, não pode haver atalhos: é preciso que aja tempo de maturação, que dura na verdade toda a infância, toda a adolescência, e, às vezes a vida inteira. Eis por que a escola tem, neste campo mais ainda do que em outros, uma responsabilidade esmagadora. Em matéria de sensibilidade não existe formação de adultos, recuperação ou reciclagem com que se possa contar. Se a escola não empreender desde os primeiros anos de escolaridade o trabalho de sensibilização estética que é necessário, inclusive de apresentação sistemática de obras de artes. Aqueles que não puderam se beneficiar de um ambiente familiar favorável, jamais sairão do analfabetismo sensorial e do consumo embotado”. **(Porcher (1982, p. 46))**

A partir destes conceitos de Porcher, que na verdade não deixa de ser um alerta para o negligenciamento com a democratização da cultura artística no âmbito escolar. Trabalhar sistematicamente com programas de alto nível e competência didática visando o desenvolvimento das habilidades requeridas para a compreensão e análise da Arte é um compromisso inalienável da escola, assim como o dever do educador despertar a sensibilidade e o gosto estético da criança e do jovem.

Na maioria das situações, justifica-se a não implantação de projetos que possam trabalhar as diferentes expressões da arte, em escolas, principalmente públicas, pelo mito do desinteresse e apatia por parte da maioria dos alunos. Mas, é compreensível que não nos interessamos por aquilo que não compreendemos. E isso deve ser levado em conta quando falamos em acesso a bens artísticos. Peregrino reforça esta teoria quando diz:

“Se o interesse depende da capacidade de compreensão, a distância que a maioria do povo brasileiro mantém das formas de arte, principalmente daquelas ditas eruditas, é gerada pela falta de referências adequadas, que permitam aprender as linguagens artísticas como significativas. A capacidade de compreender a arte não se deve a um dom nato ou algo assim, deve-se, sim, a certas formas de perceber, de pensar e mesmo de sentir que dependem da vivência, da experiência de contato com as obras de arte. Em outros termos, a capacidade de aprender as linguagens artísticas – o que podemos chamar de competência artística – depende da posse de esquemas de percepção, pensamento e apreciação que são gerados pela familiarização”.

(Peregrino, 1995, P. 19)

Nessa perspectiva, conduzir o aluno à compreensão da arte e desenvolver com ele a competência artística é função e responsabilidade da escola e do educador. Não podemos ignorar o potencial criativo e imaginativo da criança que acaba se esvaindo pelos tortuosos caminhos de uma educação voltada para os bancos disciplinares.

(Lipman, 2001, p.18), diz que toda criança nasce criativa e imaginativa, depois que entra para a escola no máximo até a quarta série perde estas características. Onde está o problema? Na criança, que anula sua potencialidade imaginativa e criativa para submeter se as infinitas cobranças da família, que para ser alguém na vida tem que estudar. O problema deste estudar na concepção da família é ler fluentemente, escrever sem erros ortográficos, somar, dividir e multiplicar, não que isso não seja importante, mas, e os jogos, as expressões, a dança, o conhecer o seu próprio corpo, a sensibilidade do olhar do toque, o teatro, a superação de preconceitos, vencendo limites e barreiras, coisas que tornam o sujeito mais humano, capaz de lidar com discernimento, segurança e tranquilidade as adversidades deste mundo impregnado de meias verdades e dominada por uma ciência instrumentalista que cada vez mais domina o mundo da vida. Ou será que a culpa é da escola que procura corromper o

espaço destinado a disciplinas de artes com reproduções, folhas mimeografadas, somente para cumprir o conteúdo estipulado, pelo sistema de Educação vigente.

Não é esse o conceito de Educação que a sociedade precisa. Segundo Severino, O testemunho da história da filosofia autoriza a afirmar que a Educação foi primeiramente pensada como formação ética. E que de fato, o discurso filosófico da Antiguidade e da Medievalidade sempre concebeu a Educação como proposta de transformação aprimoradora do sujeito humano. De imediato, essa proposta se radica na pressuposta universalidade da natureza humana, e a Educação é vista como formação ética. Ainda que etimologicamente ética. Neste sentido, diz o autor, que na sociedade industrializada do capitalismo, a Educação crítica do indivíduo, base de sua formação emancipatória, encontra-se travada, realizando-se apenas como adaptação, ou seja, como “semiformação” (**Adorno, 1995**). A qualificação essencial da Educação emancipadora encontra-se na dissecação visceral do nexos entre dominação e racionalidade. A Educação crítica só pode realizar-se como reconstrução crítica da racionalidade social, revelando a deformação que produz em face de sua reificação e conduzindo-a a uma clara exposição de suas contradições e, por essa via, apreendendo nela as possibilidades alternativas transformadoras da subjetividade. (**Severino, 2006**).

Neste sentido, as possibilidades alternativas transformadoras da subjetividade segundo Severino, podem estar nas teorias de (**Barbosa, 2005, p. 43**), ela defende que podemos aprender a partir da arte, compreendendo-a dentro do contexto que foi produzida, pois ela já é em si mesma o testemunho da história, o objeto do passado está aqui, hoje, podendo se ter experiências diretas com a fonte de informação. Segundo ela, a arte não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que operam na sociedade, presumindo, ela não deveria estar desvinculadas da importância das demais disciplinas do currículo escolar. O que há de estranho nisso? Para Barbosa, a arte traz consigo idéias, emoções, linguagens diferentes de tempos lugares, não existindo porém, visão desinfluenciada e isolada. Nesta perspectiva, ao compor uma obra de arte o artista parece inculcar nela uma comunidade invisível em que se cristaliza esta substância social.

Não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento de suas formas artísticas. Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal de elite ou

popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte. Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade.

Acredito que a escola pode ser a instituição pública principal em tornar o acesso à arte possível para todos os estudantes em nossa sociedade. Isso não só é desejável, mas essencialmente civilizatório, porque a fruição da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma sociedade. Sem o conhecimento da arte e o seu papel histórico, político e social, não é possível a consciência de uma identidade social. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação ética e estética em todas as culturas, proporcionando uma aproximação multicultural de todos os códigos de diferentes grupos e raças. O que temos na verdade é um apartheid cultural cada vez mais pulsante no meio escolar, de onde deveria primar a ética e os bons valores morais.

Apoiando-se na obra de Barbosa, a qual nos dá subsídio para justificar a obra de arte como instrumento de ajuda ao aluno na perspectiva de entender algo do lugar e tempo que a obra está situada. Reafirmamos a posição da autora, que nenhuma forma de arte existe no vácuo, parte do significado de seu contexto. E a estética, esclarece as bases teóricas para julgar a qualidade do que é visto, assim como a relação entre arte e conhecimento. Segundo a autora,

“(...) o desenvolvimento crítico para a arte é o núcleo fundamental para a capacidade crítica de desenvolver através do ato de ver, associado a princípios estéticos, éticos e históricos ao longo de quatro processos, distinguíveis, mas interligados: ver, descreve: observar analisar dar significado a obra, interpretar”. (Barbosa 2005, p. 43).

Nesse sentido, deve-se buscar compreender o significado da obra, fazendo uma releitura das partes como o todo que envolve a obra de arte. A partir daí, contextualiza-la buscando o seu ponto de equilíbrio. Com isso, o sujeito poderá fazer uma análise do contexto

com a obra e vice-versa. Para em seguida retornar a ela, identificando os princípios históricos éticos e estéticos. Isto é o que **(Habermas, 1987a)** chama de processo hermenêutico.

Considerações finais

Sabemos que a criança se depara com a necessidade de apreensão de significados e códigos desde o início da sua vida. Esta necessidade de apreensão se torna ainda mais urgente quando há o ingresso na escola. Assim, se o processo se intensifica quando a criança aprende, entre outras coisas, a ler, a escrever, a adicionar e a subtrair, o interesse dela também se abre na escola ainda mais para as estruturas visuais da Arte, estruturas criadas com a intenção da comunicação de significados sobre a maneira pessoal do artista de encontrar sentido no mundo que o rodeia. Quanto mais cedo estimular na criança esta sensibilidade, maior será sua fruição a Arte no seu processo educativo.

A partir da compreensão que a arte é algo universal, e seu patrimônio cultural tem valor inestimável no processo educativo, podemos concluir que o refinamento pelo gosto estético passa ser uma necessidade fundamental. Sabendo-se disso, a escola deverá assumir seu papel emancipador, criando perspectivas pedagógicas que venham a contribuir com o desenvolvimento dos horizontes cognitivos e da compreensão crítica da criança e do jovem. Neste sentido, a Arte e a Filosofia podem contribuir na perspectiva de sensibilizar o olhar crítico frente às situações do mundo contemporâneo. Nesta perspectiva, alimenta-se a importância da Filosofia como mediadora e questionadora na análise e decodificação, desenvolvendo competências de leitura e criticidade frente às situações do mundo.

Mas, para que possamos engendrar uma nova perspectiva de Educação, a escola e principalmente os educadores, precisam compreender que Educação Artística, nos bancos escolares disciplinados só por conteúdos, não pode ser interpretada como Arte. É importante que se entenda que a Arte vai além de meros desenhos e reproduções em sala de aula. Arte é o cinema, o teatro, a música, a dança, o jogo, a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a instalação e muito mais. A criança e o jovem não se desenvolvem completamente como sujeito só recebendo informações sobre Arte, ele precisa fazer Arte, não necessariamente para ser um artista, mas para a partir dela despertar para outras potencialidades, conhecendo o outro e a si mesmo.

Como educador, acredito que a Arte seja algo como uma lente tridimensional, ela poderá proporcionar a cada leitor uma visão diferente das personagens ali envolvidas. É curioso, e ao mesmo tempo fantástico, imaginar uma sala de aula com vinte alunos observando, lendo ou assistindo uma obra de Arte. Serão infinitas as diferentes maneiras de interpretação da cada personagem, os trejeitos, cheiros, gostos, sons e demais detalhes, terão características diferentes na visão de cada leitor. E cada um, vai resgatar do texto a sua própria história, suas próprias emoções. Em um segundo momento, a leitura poderá tomar um rumo mais intenso quando cada sujeito expuser a sua opinião e idéias que vivenciou na obra. A partir daí novas formas e conceitos ficarão no ar, as personagens serão inegavelmente transfiguradas, juntamente com a emoção de cada leitor. Pode-se imaginar que a interpretação está além da imaginação, do tempo, do espaço, da realidade, da alma, de conceitos e padrões. Ela poderá transformar, e nesse sentido, dar vida, forma e espaço a obra de Arte. A interpretação vai envolver e despertar os mais profundos e imaginários sentimentos em cada indivíduo.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

PEREGRINO, Y. Rosas, Coord. **Da camiseta ao museu João Pessoa**: Editora Universitária, 1995. São Paulo.

PORCHER, Luis. **Educação Artística: Luxo ou Necessidade?** Editora Summus, 1982. São Paulo.

BARBOSA, Ana M. **A Imagem no Ensino da Arte**: Editora Perspectiva S.A, 2005. São Paulo.

LIPMAN, M. **A Filosofia em Sala de Aula**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001.

HABERMAS, J. **Dialética e Hermenêutica**. Para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Trad. De Álvaro L.M. Valls. Porto Alegre: L&M, 1987^a.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006